

OS DESAFIOS DE CAPACITAR E PRODUZIR FRUTOS: EXPERIÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EXTENSÃO RURAL DE BASE AGROECOLÓGICA EM ASSENTAMENTOS RURAIS

Daniel Tadeu Amaral¹

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante²

Introdução

O presente trabalho aborda a construção e realização das capacitações, que foram realizadas pela equipe de **ensino/capacitação** entre o Centro Universitário de Araraquara (UNIARA) e a Superintendência do INCRA no Estado de São Paulo através do contrato de prestação de serviços (CRT n.100.000/2010 UNIARA-INCRA).

Os detalhamentos dos cursos ministrados e os elementos específicos às regiões onde os cursos foram desenvolvidos estão contidos nos relatórios anteriores, quem se der o interesse de confrontá-los, perceberá a continuidade e o diálogo nas ações executadas. Como relatório de fechamento das atividades, o objetivo principal do trabalho, é de apresentar a relação das atividades executadas, seu forçoso hiato, e como, seus caminhos e descaminhos, refletem o jogo de forças e a trama de tensões ao qual o todo social está exposto, sobretudo, em sua ponta, no último nó da corda onde as famílias assentadas vivem e constroem a história, distantes de quem as possa atender.

Com números finais e preocupação em dialogar, refletir e convidar todos envolvidos a pensar a temática da extensão rural, o relato aborda mais questões metodológicas que descritivas, e propõe tipicamente como uma atividade de **ensino**, o exercício do envolvimento.

Os rumos e os números do trabalho se devem a uma equipe pouco numerosa; a experiência vivida deixa ao final um gosto agradável à boca, cientes que mover moinhos e semear utopias podem ser experiências fascinantes (às famílias assentadas o nosso agradecimento).

A estruturação do relatório envolve as principais e gerais etapas do trabalho realizado. Desta forma, o relatório foi montado no sentido de destacar: 1) referencial teórico e questões

¹ Graduado em Economia (UNESP) e mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UNIARA)

² Prof. Dra em Sociologia (UNESP), pesquisadora 1 A (CNPq) e Coordenadora do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UNIARA).

metodológicas; 2) a construção das capacitações, 3) público alvo/cursos realizados; 4) limites e possibilidades; 5) avaliações dos cursos realizados por parte do público alvo; 6) sistematização das demandas por cursos por parte dos assentados; 7) relatório descritivo dos cursos realizados e, 8) material didático (apostilas).

1. Questões Metodológicas e Referencial Teórico

Um dos grandes desafios do processo de reforma agrária no Brasil é garantir aos os assentados não apenas o acesso a terra, mas a possibilidade do aprendizado contínuo e progressivo, melhorando-os enquanto agricultores familiares, e agentes de transformação, permitindo uma inserção mais ativa, sustentável e autônoma na dinâmica do desenvolvimento local e regional.

O presente relatório vai de encontro à temática da extensão rural e aborda a construção do processo de capacitação, que foi realizado entre o Centro Universitário de Araraquara (UNIARA) através do grupo de pesquisa NUPEDOR (Núcleo de Pesquisa de Documentação Rural) e a Superintendência do INCRA no estado de São Paulo decorrente de um processo licitatório que se firmou no contrato de prestação de serviços (CRT n.100.000/2010 UNIARA-INCRA).

Ao longo do ano de 2011 foram realizadas experiências de capacitações em diversos assentamentos e regiões do Estado de São Paulo, com base nestas capacitações, em seu processo de construção, aplicação e resultados, vem se buscando um maior aprofundamento da discussão da temática da ATER, de suas estratégias, limites, possibilidades e de seus desdobramentos.

Desta forma, o processo de construção das capacitações permitiu resgatar reflexões acerca do papel pedagógico da extensão rural x assistência técnica, e parte das experiências vividas pelos assentados e capacitadores na realização das atividades. Também optou-se pelo relato geral, não pormenorizado destas experiências de capacitação, envolvendo os diferentes cursos, o público atingido, as regiões abrangidas e as considerações finais dos resultados obtidos com as capacitações.

A concepção de extensão rural, proposta desde o início do trabalho, foi entendida como uma via de mão dupla onde o ato de estender, levar ou transmitir conhecimentos de uma fonte a um receptor pode se inverter constantemente, ainda mais quando o universo de trabalho envolve o público rural, onde os saberes e práticas tradicionais não devem ser ignorados, servindo de base de apoio para a construção coletiva de novos saberes e

conhecimentos. Assim, de forma ampla, a extensão rural pode ser entendida como um processo educativo de comunicação envolto em conhecimentos de qualquer natureza, sendo técnicos ou não (PEIXOTO, 2008).

Um dos pontos de partida do trabalho consistiu em reconhecer na atividade proposta a diferenciação entre extensão rural de assistência técnica. A primeira apresenta um caráter educativo, já a segunda não apresenta *a priori* um papel educativo, destacando-se mais pelo caráter formativo, justamente porque visa, sobretudo, resolver problemas específicos e pontuais, sem, no entanto comprometer-se com a capacitação do produtor rural. Neste sentido, é por ter um caráter educativo que o serviço de extensão rural é desempenhado geralmente pelas instituições públicas de Ater, universidades, organizações não governamentais, e cooperativas que também prestam assistência técnica.

Caporal e Costabeber (2000) salientam que extensão rural vem a ser uma das mediações educativas mais importantes e efetivas pelo seu caráter transformador, mas que a mesma deve pautar-se pela busca de uma extensão alinhada com os princípios agroecológicos. Para tanto é necessário agregar ao processo de intervenção um caráter educativo e, sobretudo, transformador. Para estes autores esta concepção alinha-se à necessidade do uso de metodologias educativas de intervenção-ação, que permitam o desenvolvimento de uma prática social na qual os sujeitos do processo sejam estimulados e busquem a construção e sistematização de conhecimentos que os conduzam a intervir conscientemente sobre a realidade vivenciada.

Partindo desta concepção o relatório apresenta dados referentes às experiências conjuntas de formação dos capacitadores/assentados/técnicos em busca de extensão rural que apoiada no tripé universitário de pesquisa-extensão-ensino.

1. Construção das Capacitações

Nos trabalhos desenvolvidos, uma preocupação constante envolveu os múltiplos aspectos relacionados à dimensão da intervenção, aspectos necessários a uma adequação da proposta metodológica às necessidades demandadas, que por sua vez, foram sendo estruturados ao longo dos “momentos” de constituição da prática pedagógica.

Estes momentos envolveram: a) visitas exploratórias regionais aos assentamentos de reforma agrária do estado de São Paulo com entrevistas com os alguns atores sociais (assentados, movimentos sociais, organizações produtivas, lideranças sindicais, técnicos e

supervisores regionais do INCRA) coletando demandas de capacitações; b) construção e estruturação do perfil de capacitações e dos capacitadores; c) constituição de uma estrutura pedagógica participativa comum; d) realização das capacitações; e) avaliação capacitações em curso mediante o uso que questionários aos beneficiários.

Vale ressaltar que a construção das capacitações envolveu um conjunto de profissionais com formação diversificada, envolvendo as áreas de agronomia, medicina veterinária, zootecnia, biologia, economia, gestão ambiental, ciências sociais, serviço social e pedagogia. Com isso as etapas de trabalho foram constituídas sob diversos “olhares” e saberes, o que enriqueceu a experiência, e também se fez necessário para a tentativa de construção de uma equipe multidisciplinar de atuação.

Outro aspecto relevante envolveu diretamente a preocupação com a amplitude e significância geográfica das capacitações, envolvendo necessariamente diversas regionais de todo o estado de São Paulo. Neste sentido as variadas características e realidades regionais entraram em cena, reconfigurando práticas e impondo constante vigilância sobre a forma/formato do trabalho.

Uma das vantagens do uso de uma metodologia participativa/constructiva pode ser representada pela elaboração progressiva de estruturas cognitivas, sendo que este conhecimento passa a ser fruto da interação entre sujeito e o meio, resultado direto da ação realizada sobre o objeto, assim tanto para o capacitador/educador quanto para o assentado/educando realiza-se em dupla dimensão (ROSA, 1997), ainda assim a cada momento, em cada experiência, o mediador/ capacitador toma decisões pedagógicas conscientes: nunca está limitado somente a corrigir, pois além de informar, ele pode problematizar, questionar, ajudar a construir, descobrindo alternativas pedagógicas baseado em sua experiência e experimentação.

Cabe, portanto, aos capacitadores/educadores o desafio de estar sempre reconhecendo e valorizando a experiência histórica, política, cultural e social dos assentados/educandos. Nesse sentido, Caldart (1997) ressalta que essa cultura e saber são inerentes ao processo de ensino-aprendizagem de premissa construtivista, uma vez que estas estruturas existem muito antes de o indivíduo frequentar a escola: *"Todos tem um conjunto de saberes, uma cultura e uma história que precisam ser respeitadas e consideradas quando entram na escola. Da mesma forma que educadoras/es também as tem. É esta a matéria-prima do processo de produção de novos saberes, novos comportamentos e valores"*.

Nas estruturas dos cursos buscou-se satisfazer ainda eixos estruturantes, que foram previamente estabelecidos envolvendo: gênero, meio ambiente, sistemas produtivos e organização da produção, que por sua vez representam grandes áreas temáticas (e também gargalos) e que necessariamente devem dialogar mutuamente entre si diretamente na prática pedagógica.

Curso	Eixo estruturante	Eixo secundário	Eixo complementar
Plantas Medicinais	Gênero	Sistema produtivo	Organização da produção/comercialização
Viveiros de Mudanças	Meio Ambiente	Sistema produtivo	Organização da produção/comercialização
Horticultura Orgânica	Meio Ambiente	Sistema produtivo	Organização da produção/comercialização
Enxertia e Compostagem	Sistema produtivo	Meio ambiente	Organização da produção/comercialização
Avaliação e Manejo de Agroecossistemas /Cafecultura de Base Ecológica	Sistema Produtivo	Meio ambiente	Organização da produção/comercialização
Biodigestor	Sistema Produtivo	Meio ambiente	Organização da produção/comercialização
Saúde no Meio Rural	Gênero	Meio ambiente	Sistema Produtivo
Boas Práticas na Criação de Gado Leiteiro	Sistema Produtivo	Organização da produção/comercialização	
Semeadura direto na palha (Plantio direto)	Sistema Produtivo	Organização da produção/comercialização	Meio ambiente
Colheita de grãos e regulação de máquinas agrícolas e segurança do operador	Sistema Produtivo	Organização da produção/comercialização	
Pequenas Criações	Sistema Produtivo	Organização da produção/comercialização	

Quadro 1: Cursos e eixos

Fonte: NUPEDOR.

Na construção do perfil dos cursos acima descritos e no processo de ensino-aprendizagem pautou-se em aspectos construtivistas, onde se apóia a técnica/conhecimento formal aos elementos culturais e às especificidades locais.

O ponto mais interessante, entretanto, envolveu a tentativa de elaboração de cursos que dessem ênfase a princípios agroecológicos e atividades de baixo impacto.

3. Público Alvo e Capacitações

Ao todo foram elaboradas ao longo do ano de 2011, **31 capacitações**, perfazendo um total de **280 horas de cursos** e abrangendo cerca de **717 beneficiários**. Os cursos foram realizados, como mencionado, em diferentes de áreas prioritárias, onde se destacam a região do Pontal do Paranapanema, de Andradina, de Araraquara e Ribeirão Preto, de Itapeva e de Promissão.

Data	Cidade	Assentamento	Curso	Carga Horária	Número de Participantes
04 de março	Araraquara - UNIARA		Viveiro de Mudas	8 horas	36
25 de março	Ribeirão Preto	Sepé Tiarajú	Enxertia e Compostagem	8 horas	31
31 de março de 01 de abril	Castilho	Terra é Vida	Boas Práticas na Criação de Gado Leiteiro	16 horas	34
01 de abril	Promissão	Reunidas	Semeadura direto na palha (Plantio direto)	8 horas	12
15 de abril	Promissão	Dandara	Horticultura Orgânica	8 horas	20
18 e 19 de abril	Rosana		Boas Práticas na Criação de Gado Leiteiro	16 horas	30
26 e 27 de abril	Andradina	Arizona	Boas Práticas na Criação de Gado Leiteiro	16 horas	25
29 de abril	Pereira Barreto	Olga Benário	Viveiro de Mudas	8 horas	30

29 de abril	Promissão	Reunidas	Colheita de grãos e regulagem de máquinas agrícolas e segurança do operador	8 horas	16
29 de abril	Descalvado	21 de Dezembro	Horticultura Orgânica	8 horas	30
30 de abril	Ilha Solteira	Santa Maria da Lagoa	Plantas Medicinais	8 horas	31
30 de abril	Promissão	Reunidas	Saúde no Meio Rural	4 horas	20
17 e 18 de maio	Getulina	Simão Bolivar	Boas Práticas na Criação de Gado Leiteiro	16 horas	16
24 e 25 de maio	Itaberá	Pirituba	Boas Práticas na Criação de Gado Leiteiro	16 horas	14
25 de maio	Araçatuba	Hugo S. Herédia	Horticultura Orgânica I	8 horas	27
27 de maio	Ribeirão Preto	Barra	Horticultura Orgânica I	8 horas	23
28 de maio	Castilho	Celso Furtado	Uso do Biodigestor no Meio Rural	8 horas	26
28 de maio	Castilho	Celso Furtado	Saúde no Meio Rural	4 horas	28
28 de maio	Araraquara	UNIARA	Direitos da Mulher	4 horas	10

03 de junho	Pradópolis		Serviços Ambientais	4 horas	16
03 de junho	Pradópolis		Uso do Biodigestor no Meio Rural	4 horas	46
03 de junho	Descalvado	21 de dezembro	Horticultura Orgânica – módulo II e III	8 horas	23
13 de julho	Araraquara	Bela Vista	Viveiro de Mudas	8 horas	29
22 de julho	Promissão	Dandara	Horticultura Orgânica II e III	8 horas	6
28 de julho	Guarantã	Antônio Conselheiro	Viveiro de Mudas	8 horas	12
29 de julho	Castilho	Celso Furtado	Horticultura Orgânica	8 horas	12
18 de Agosto	Cajamar	São Luis	Horticultura Orgânica I	8 horas	14
27 de agosto	Itapeva	Pirituba	Manejo Integrado de Pragas	8 horas	30

30 e 31 de agosto	Iaras	Zumbi do Palmares	Boas Práticas na Criação do Gado Leiteiro	16 horas	16
30 e 31 de agosto	Descalvado	21 de dezembro	Cafeicultura de Base Ecológica	12 horas	32
23 de setembro	Araraquara	Bela Vista	Viveiro de Mudas	8 horas	20
Total (31 capacitações)				280 horas	717 beneficiários

Quadro 2: Cursos, localidades, datas, carga horária e número de participantes.

Fonte: NUPEDOR.

4. Produtos Audiovisuais e Abrangência

Como parte do contrato celebrado envolve a confecção de produtos audiovisuais de caráter informativo/educativo, em parceria com o departamento de Rádio e TV da UNIARA foram elaborados vídeos sobre as capacitações contando com o depoimento de capacitadores, público-alvo (assentados) e técnicos e supervisores do INCRA acerca de: a) relevância e importância dos cursos; b) temas/conteúdos desenvolvidos; c) características da área/assentamento visitado e c) avaliação/percepção dos participantes.

Ao todo foram produzidos cerca de mais de 20 horas de material bruto (desde o início do contrato) que no momento estão, guardados, no departamento de Rádio e TV da Uniara.

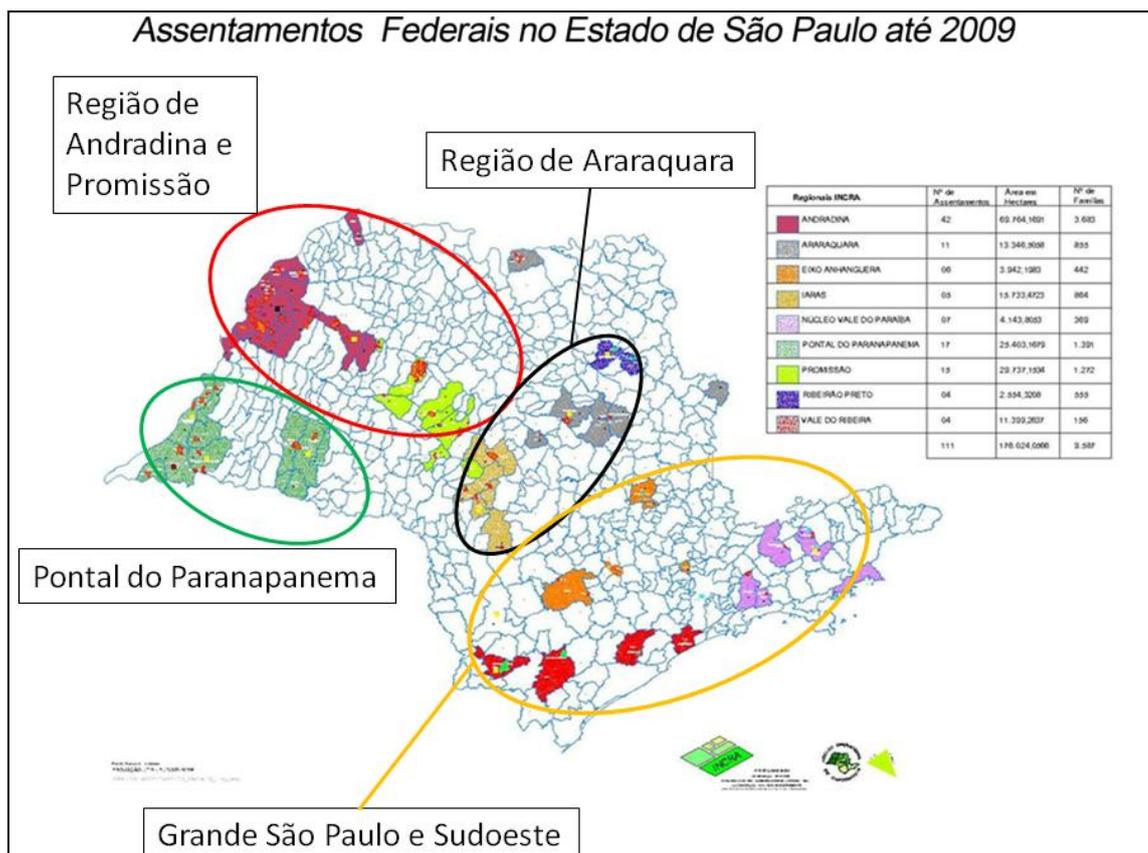


Imagem 1: Regiões abrangidas pelo contrato.

Fonte: NUPEDOR com base no mapa de Assentamentos Federais (INCRA 2009).

5. Limites e Possibilidades

A realização das capacitações não foram somente flores, as dificuldades colocaram a execução de cursos, por vezes, em risco, fazendo-se necessário a revisão constante dos procedimentos adotados. Os limites do processo de intervenção são muito claros, ou melhor, aparecem rapidamente. Os erros e acertos inerentes do processo de atuação, diferentemente do conforto de quem se debruça tão somente a analisar os fatos, não tardam tanto a aparecer e a construção de práticas de intervenção ocorrem de forma sinuosa. Isso acontece, ainda mais, em estruturas ou organizações em que se está cristalizada, principalmente, a ênfase em elementos analíticos, onde, por vezes, a indiferença suplanta o envolvimento, o fazer comum.

As estruturas burocráticas para bem e para mal quase nunca atuam no sentido oportuno, movem-se sistematicamente à jusante das necessidades, onde meios tornam-se fins e os fins se vão pelo horizonte.

Reconhecer os limites das experiências vivenciadas serve de ensinamento para empreitadas futuras e o não reconhecimento de sua existência pode e deveria soar como próprias dos que constroem suas vidas em campos de distorção da realidade. Assim, alguns dos

limites e possibilidades das práticas de extensão, pensadas como vetores para difusão de conhecimentos, devem ser abordadas, e, sobretudo, compartilhadas.

a) Diagnóstico continuado das necessidades de cada assentamento.

Nas pesquisas de campo e no trabalho de sondagem de demandas (captadas nos questionários aplicados aos assentados nas capacitações) perceberam-se elementos comuns à realidade dos assentamentos, mas como esperado, este material apresentou dados que apontam (também) necessidades diferenciadas para cada local, refletindo características regionais distintas.

Estas diferenciações também se aplicam ao interior de um mesmo assentamento, como reflexo direto da heterogeneidade das estratégias de reprodução social. Desta forma, cada curso ou mesmo partes de um mesmo curso, foram pensados com a intenção de permitir maior flexibilidade de abordagens, permitindo ao capacitador a reelaboração dos perfis pré-estabelecidos e dos enfoques inicialmente construídos.

Apesar desta preocupação inicial, ainda assim na prática, sentiu-se grandes dificuldades para a realização de reuniões prévias e sistemáticas com técnicos e também com os próprios assentados beneficiários.

Cada visita deve ser pensada a gerar frutos, uma vez que cada curso realizado demanda um grande somatório de esforços individuais, assim gera-se uma grande expectativa por parte dos assentados, o que por sua vez aumenta a responsabilidade dos envolvidos nas capacitações.

b) Adequação da estratégia de inserção das capacitações, buscando uma forma de atingir o público alvo de maneira mais eficiente, o que envolve a questão dos grupos de afinidade e produtivos, no sentido de se obter maior amplitude e abrangência.

Uma das questões levantadas em reuniões com a equipe de ensino/capacitação envolveu a abrangência e magnitude de inserção dos cursos com o público alvo. É comum em visitas posteriores em assentamentos que foram atendidos por capacitações, a dificuldade decorrente do não conhecimento da capacitação pelos mesmos assentados ou então que o público atendido fosse específico de um ou outro grupo de afinidade ou de relação produtiva. Uma das questões principais a serem equacionadas refletiu a dificuldade de dar as capacitações uma maior amplitude, congregando diferentes grupos produtivos ou de afinidade. Neste caso uma

grande dificuldade encontrada envolveu a realização de reuniões com as divisões de desenvolvimento e com as coordenações de escritórios regionais do próprio INCRA envolvidos em grandes limitações quanto ao número de funcionários e quanto ao volume de trabalho ao que são submetidos.

c) A continuidade das capacitações.

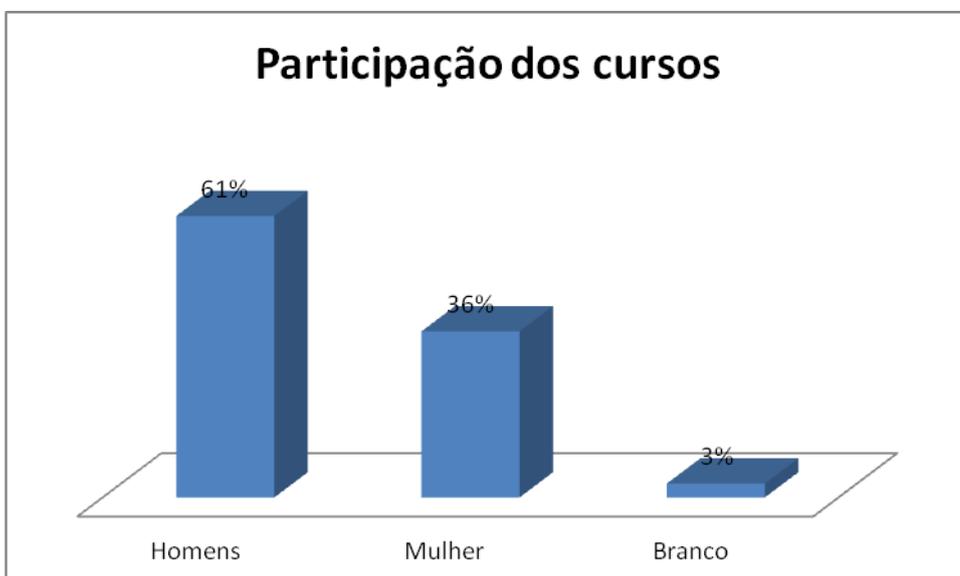
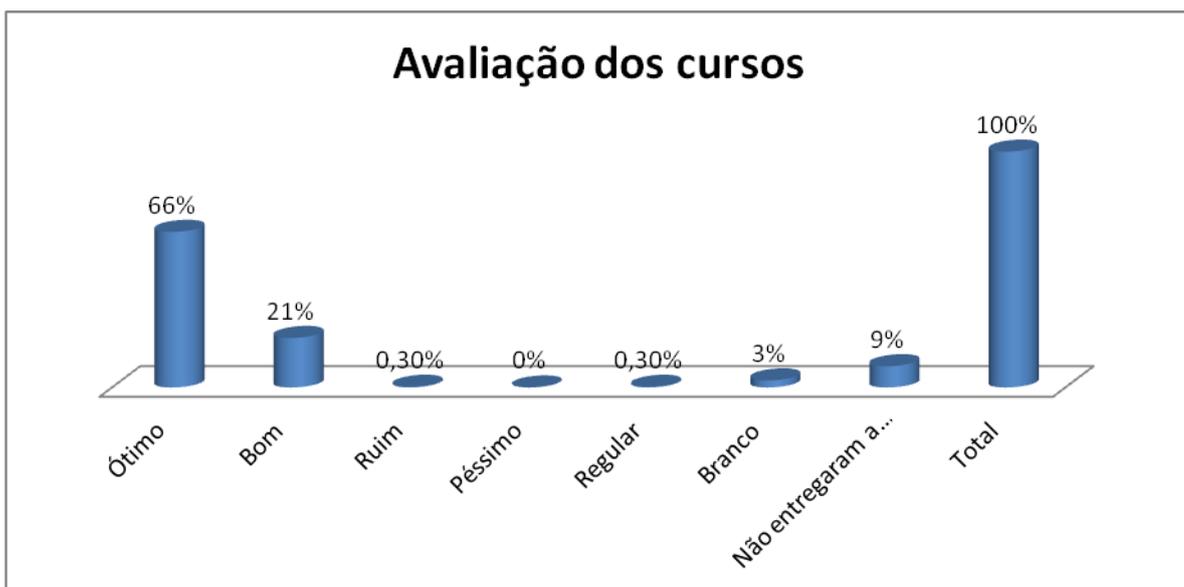
Uma das premissas iniciais do processo de estruturação das capacitações envolveu a necessidade de continuidade, essa continuidade se faria pelos retornos das capacitações já executadas (que foram previamente estruturadas em sistema de módulos) e também capacitações que se autocomplementassem, propiciando o tão sonhado caráter de continuidade. Também por uma limitação de profissionais e dificuldades de ordem geográfica, muitas vezes esta premissa inicial teve que ser repensada, na iminente impossibilidade de se atingir um maior número de beneficiários num mesmo assentamento.

d) Reuniões pedagógicas periódicas.

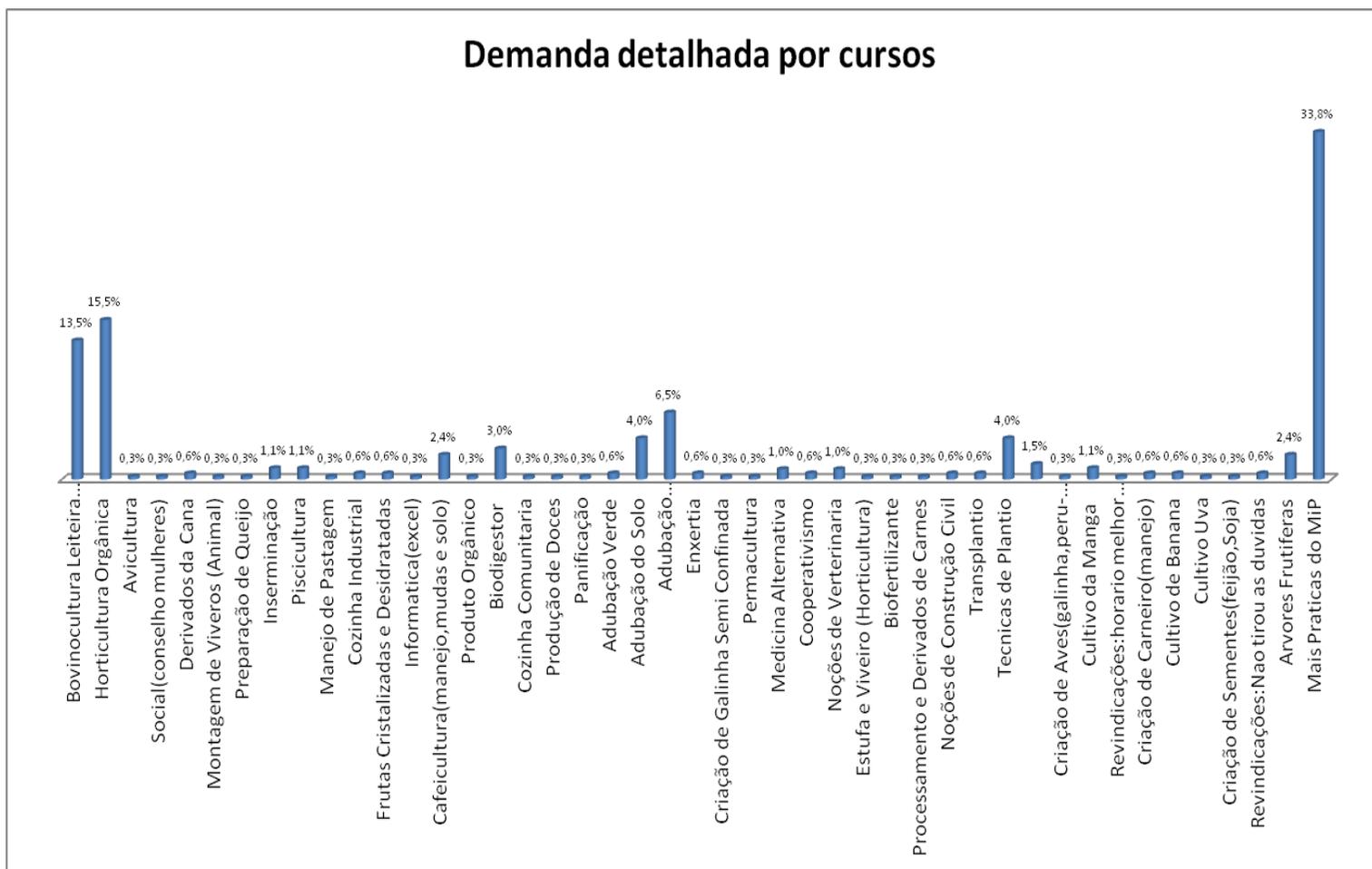
As reuniões pedagógicas permitem à coordenação e aos capacitadores trocas de experiências, coletivização de práticas pedagógicas bem sucedidas, realinhamento de expectativas e de metodologias. Uma das vantagens da tentativa de construção de uma metodologia participativa/construtiva pode ser representada pela elaboração progressiva de estruturas cognitivas que podem e devem ser coletivas, resultado da interação entre sujeito e o meio, da ação realizada sobre o objeto. Assim a cada momento, em cada experiência, o mediador/ capacitador toma decisões pedagógicas que num momento de reflexão (em especial reuniões) não está limitado a corrigir, pois além de informar, ele pode problematizar, questionar, ajudar a reconstruir, descobrindo alternativas pedagógicas baseadas em suas e em outras experiências e experimentações.

6. Avaliação e Participação dos Cursos Realizados

Os questionários finais



7. Sistematização das Demandas por Cursos



8. Considerações Finais

No trabalho realizado buscou-se congregar diversas áreas de formação contando com a sinergia de profissionais congregados em torno das atividades de capacitação e ensino, outro ponto importante envolve diretamente os trabalhos de ATER, que embora convirjam para seguir princípios participativos, em muitos casos a política de ATER continua com a orientação básica: “incluir” o pequeno agricultor familiar na lógica tradicional de mercado, o que significa dependência excessiva dos insumos químicos e subordinação produtiva. O desafio dos órgãos de pesquisa, das universidades e dos movimentos sociais envolve a criação de estratégias para colocar em prática metodologias participativas de ATER, que incluam os agricultores familiares desde a concepção até a aplicação das tecnologias, transformando-os em agentes no processo, valorizando seus conhecimentos e respeitando seus anseios.

Neste sentido, a construção, enquanto instituição de ensino, de uma extensão com uma estrutura participativa (de acordo com a Política Nacional de Ater – PNATER, 2004) envolve necessariamente a construção de novos caminhos metodológicos/ pedagógicos diferindo de uma formação extensionista baseada nos moldes tradicionais do “humanismo assistencialista” ou do “difusionismo produtivista” ainda em voga em muitas práticas extensionistas. Neste sentido cabe pensar em novos processos que possibilitem não apenas a integração fomentar o desenvolvimento de uma prática social transformadora.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Regulamento técnico de identidade e qualidade de leite cru refrigerado. In: BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução normativa nº 51, de 18 de setembro de 2002. **Diário Oficial da União**, 20 set. 2002. Seção 1, p.13.

CAPORAL, F. R, COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n.1, jan/mar, 2000.

CALDART, R.S. Educação em Movimento: Formação de Educadoras e Educadores no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTRO, K.N.C. **Vantagens da ordenha com higiene**. 2009. Artigo em Hypertexto. Disponível em: <http://www.infobibos.com/Artigos/2009_1/Ordenha/index.htm>. Acesso em: 14/4/2011

MÜLLER, E.E. Qualidade Do Leite, Células Somáticas E Prevenção Da Mastite. **Anais do II Sul- Leite: Simpósio sobre Sustentabilidade da Pecuária Leiteira na Região Sul do Brasil** / editores Geraldo Tadeu dos Santos et al. – Maringá : UEM/CCA/DZO – NUPEL, 2002. 212P. Toledo – PR, 29 e 30/08/2002.

PEIXOTO, M. Extensão Rural No Brasil – Uma Abordagem Histórica Da Legislação. In: **Consultoria Legislativa do Senado Federal**, Brasília, texto de discussão 48, out./ 2008.

PRESTES, D. S.; FILAPPI, A.; CECIM, M. Susceptibilidade à mastite: fatores que a influenciam – uma revisão. **Revista da Faculdade de Zootecnia, Veterinária e Agronomia**, v. 9, n. 1, p. 48-59, 2003.

ROSA, S. S. Construtivismo e mudança. In: **Questões da nossa época**. n.5, ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, M. V.; FONSECA, L. F. L. Importância e efeito de bactérias psicrotóxicas sobre a qualidade do leite. **Revista Higiene Alimentar**, São Paulo, v. 15, n. 82, p. 13-19, 2001.

ZANELA, M.B. **Caracterização do leite produzido no Rio Grande do Sul, ocorrência e indução experimental do leite instável não ácido (LINA)**. 2004. 150p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.